

## A SUTIL PEÇA DE RESISTÊNCIA DE AMILCAR NEVES

### A SUBTLE WORK OF RESISTANCE BY AMILCAR NEVES

**Marco Antonio de Mello Castelli**

Doutor pela Universidade de Paris IV – Sorbonne

Professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

castelli@intercorp.com.br

#### RESUMO

Há livros que são urgentes. *Relatos de Sonhos e de Lutas*, de Amílcar Neves, é um desses. Aproveito o fato de o mesmo constar da lista de leituras obrigatórias para o vestibular de 2008, da UFSC, para lançar este breve comentário. O intuito está no desejo de instigar estudantes e professores do Ensino Médio (e a todos os que procuram por uma literatura maior nessa avalanche global de publicações). Mais do que isso, porém, os relatos de Amílcar exigem atenção para que se perceba a proeza em sua fatura estética. A tensão crítica que se impõe em cada conto coloca a obra mais à esquerda, dada a sutileza do tom vermelho a esparramar um melancólico sentimento de coisa perdida. Amílcar se apropria de uma técnica moderna, dirigindo seus textos como quem capitaneia um controle de tevê, como quem fotografa seqüências ligeiras, como quem gira o caleidoscópio do Aleph borgeano.

**Palavras - chave:** Literatura maior. Vestibular. Amílcar Neves.

#### ABSTRACT

There are books that have urgency. *Relatos de Sonhos e de Lutas (Tales of Dreams and Struggles)* by Amílcar Neves is one of them. I take advantage of the fact that this same work is on the obligatory reading list for the 2008 college entrance examinations for UFSC to offer this brief commentary. The objective for this is in the desire is to prod high school students and teachers (and all those that are looking for better literature in this global avalanche of publications). More than that, however, the works of Amílcar demand attention because in them we perceive prose in its aesthetic sense. The critical tension that is imposed on each story puts the collection more to the left, given the subtlety of the red tones it spreads the

melancholy feeling of something lost. Amílcar makes use of modern technique, directing his texts like someone in charge of the television remote control, like someone photographing connected sequences like someone spinning the Aleph of Borges.

**Key words:** Literature. Vestibular. Amílcar Neves.

## 1 UM NÃO AOS RESUMOS

Como professor de Português, e sobretudo voltado a literatura brasileira, acho bom estar de olho na lista que a Universidade Federal de Santa Catarina indica como matéria de seus vestibulares. Dentre os títulos listados para o próximo vestibular, dois me chamaram a atenção. Trata-se de *Relatos de Sonhos e de Lutas* e de *Encontros de Abismos*, respectivamente, do catarinense de Tubarão Amílcar Neves e do catarinense por adoção Júlio de Queiroz. Deverei ater-me, entretanto, apenas à primeira das obras por achar-se, em relação à segunda, mais à esquerda de Deus-pai (perdoem-me da pilhéria os leitores mais religiosos). Isso equivale a dizer, na verdade, tratar-se de uma obra de maior urgência, seja por sua elaboração complexa, seja por sua atualidade face ao trato de tensões ainda não resolvidas da recente história do Brasil.

Logo de início, penso deixar bem claro que minha intenção em abordar o livro de Amílcar (o de Júlio fica para outra publicação) não é mais que um comentário de caráter interpretativo. Meu intuito, no fundo, seria o de instigar os leitores –no caso, estudantes do ensino médio- para a leitura completa desta e de outras obras literárias. Portanto, que não se caia na esparrela de embarcar nos resumos. Que se fuja dos resumos de livros! Aliás, acho mesmo que os escritores deveriam ir à Justiça para que sejam barradas essas aventuras que só validam o empobrecimento cultural de muitos em favor de um mercado editorial irresponsável.

A propósito, devo aproveitar o momento e parabenizar os organizadores do último vestibular. Senti-me recompensado e mais confiante quando tomei conhecimento de que vários exames se utilizaram dos textos literários listados para aquele concurso. Aliás, parabéns pela coragem de terem exigido a leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, uma obra que, a meu ver, deveria estar obrigatória e constantemente em todos os vestibulares deste país. Soube que o exame de Geografia deu banho com o uso d'*Os Sertões*. Se não me

engano, isto ocorreu no vestibular de 2006. No deste ano, soube que até Machado de Assis acabou entrando em Matemática! Vejo que os tempos são outros. E melhores. Afinal, não se vive falando em interdisciplinaridade como a maneira mais adequada de se trabalhar o ensino?

## 2 UM LIVRO DIFÍCIL E PREMIADO

Amilcar Neves é um catarinense da cidade de Tubarão, nascido aos 24 de abril de 1947. Formou-se em engenharia mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina em 1969, mas já era dado ao fazer literário desde os quinze anos de idade. Participou de diversas coletâneas e ganhou prêmios no Brasil e no exterior. De sua autoria, já saíram, entre outros, *O Insidioso Fato – algumas historinhas cínicas e moralistas* (contos, 1979), *Dança de Fantasmas* (contos de amor, 1984), *Movimentos Automáticos* (novela, 1988), *Relatos de Sonhos e de Lutas* (contos, 1991, em 1ª edição pela Estação Liberdade, e em 2ª edição pela Record), *Pai sem Computador* (novela juvenil, 1993), *O Tempo de Eduardo* (2005, em co-autoria com Francisco José Pereira). Atualmente, assina crônicas em jornal de grande circulação catarinense

“O Sonho” e “A Luta” nomeiam as duas partes de *Relatos de Sonhos e Lutas*, livro 2º classificado da 5ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira de 1991, na categoria contos. Trata-se de obra de um novo tempo de fazer literatura, e o indício é dado pelo próprio autor em uma das epígrafes tomada ao argentino Robert Arlt: *Você me dirá que eu não digo nada de novo. De acordo; mas lembre-se que, na terra, a única coisa que pode mudar é o estilo, o costume; a substância é a mesma.*

A julgar pela datação marcada ao final dos contos, este livro contextualiza o fim do ciclo da ditadura militar brasileira e latino-americana, ou seja, a segunda metade dos anos 80. Muitos são os escritores que já nos trouxeram reflexões em torno daquele período, entretanto a maioria deixou sua obra marcada pela linearidade e historicidade excessivas. Amilcar Neves não: buscou novas linguagens para dizer sobre “o nada de novo” a que se refere Arlt. E tais linguagens são as dos meios de comunicação desse tempo de novas tecnologias derivadas do universo ótico. Antenado com seu tempo, o catarinense se antecede a seus pares da assim nomeada “Geração 90” e mesmo à “Geração 00”. Mais maduro, porém, soube manter-se afastado dos abusos do realismo duro que tem marcado a produção da maioria dos

narradores dessa geração, como é o caso do paulistano Marçal Aquino, o primeiro colocado naquela Bienal com o título *As Fomes de Setembro*.

Amílcar Neves, com este *Relato de Sonhos e Lutas*, amadurece sua textualidade e recompõe a literatura como um espesso mosaico que funde o onírico e o real, os espaços do aqui com o do acolá, os tempos imprecisos do antes, do durante e do vindouro. Não é difícil reconhecer as técnicas da fotografia, da cinematografia e da televisão por conta de cenas ora em close ora panorâmicas. É notável a clipagem face aos cortes entre o sonho e a realidade, mais a fragmentação de gestos, personagens e mesmo do tempo. E tudo conduzido por um narrador e leitor de si mesmo a monitorar o zap.

### 3 SONHOS IMPOSSÍVEIS

Como nos sonhos, tudo transcorre ao sabor de fragmentos. “Steak au poivre”, mais que um bife com pimenta do reino, é um conto volátil como uma dose de conhaque em chamas. A expressão ambígua -“pimenta do reino”- surpreende. A sugestão demanda um acorde político: quando reinará o Brasil sobre ingleses, franceses e aqueles estadunidenses que se dizem americanos?

A música. A música num lugar (o restaurante), num tempo (presente ou passado?) é *Tender is the night*. Ela é real mas carrega a cena para alhures. Desfaz-se a impressão da frustrante política e remete a lembranças cuja tonalidade cresce eroticamente a cada repetição do pianista. Zap, e entram personagens do universo lisboeta em cenas oníricas de duvidosa veracidade já que relatadas pelo inconfiável impostor Felix Krull de Thomas Mann. Zap. Segue-se a intromissão de voyaerismo explícito do seu Donga Novais, de Autran Dourado sobre a estonteante Lelena para -zap- debandar na direção do doloroso desaparecimento do anarquista Giuseppe Fuocco, da mal sucedida Colônia Cecília. Lembranças e lembranças entre coisas lidas e coisas sonhadas, mosaico em que se fundem as mulheres exuberantes das páginas literárias para a mulher imaginária de um pesadelo visionário: ela, a morte prefigurada em estágios que vão do erótico à decrepitude alucinante.

Cenas e mais cenas de histórias já concebidas e já relatadas do universo literário. Nada de novo. Novo apenas o estilo, o jeito de dizer as coisas em um conto (conto?) volátil como as chamas de um conhaque a flambar o *steak au poivre*. O conhaque? Tem que ser o português *Fundador*, não o espanhol *Domecq*, para descompostura do garçon.

A história da defesa da América colonizada é pungente e dolorosa como a estocada de uma lâmina antiga, marcada pelo tempo. Invasores e piratas que motivaram a construção de poderosas fortificações, cedem lugar aos novos piratas –moleques de rua, os delinquentes do Novo Mundo. O “Fascínio” do narrador-turista começa pela lembrança das onze fortalezas que entornam a ilha de Santa Catarina, -trabalho de construção penosa nos meados do século XVIII, hoje paredes e madeirames ruinosos ao sabor do tempo e dos cupins. Porém, a fascinação cede lugar ao pesadelo face à inversão nas relações entre invasores e invadidos, ou colonizadores e colonizados. O turista penetra nas sendas do forte de San Diego, em Acapulco, México, quando de assalto surgem os “guardiães” das ruínas da História. Toda a cena é fotografada com a ânsia de registrar os mínimos detalhes da seqüência alucinante do ataque-defesa. Teatro e cinema se fundem sob a diretriz ora da palavra escrita, ora da lente de uma câmera fotográfica. Ou, antes, a superposição dessas duas formas de dizer constróem as verdades deste conto: ironia e desgraça, relatos da latino-américa são.

Transita no reino do sonho a realidade cheia de sutilezas do universo feminino. Trata-se do conto “Não Mais do que os vidros permitem I e II”. Ágil como um voyeur, o autor-narrador descreve o que vê (espia) pelas vidraças: uma fêmea sôfrega conduzindo machos truculentos entre os entulhos de uma construção. Depois dois depoimentos de mulher –ele mesmo, o narrador- como dominante e dominada, sempre.

“Ester” é o melancólico desejo da mulher à margem da estrada, da vida, do sonho. Ester, a menina, moça e mulher e depois a filha, menina, moça... Sempre à janela esperando, sonhando com a liberdade que não existe, com a grandeza que não há. Repete-se a tragédia do abandono no encerramento da primeira parte do livro. Obediência, imobilidade, objeto de desejo, corpo de entrega, Ester apenas sairá da janela -sua fenda para a vida- para dar lugar a outra Ester, cujo destino repetirá o da mãe.

#### **4 GRITO DE GOL, GRITO DE GUERRA**

“A Luta” intitula a segunda parte do livro feita de “Vôo 254” cujo engenhoso jogo metonímico revela com melancolia as artimanhas nas negociatas entre empresários e políticos. De um lado Orelhas (o narrador) que mira e reflete a miséria do discurso político brasileiro no tempo do maior movimento popular de nossa história, o das “Diretas Já!”. De

outro, Olhos discentes aprendem as mazelas do professoral par de olhos experientes e profundas Olheiras a jactar-se de sua esperteza corruptível. Um curioso exercício em que palavras estabelecem o percurso entre olhos e orelhas, apenas partes, apenas fragmentos, referenciando um mundo em que as relações humanas perderam a noção do todo, do conjunto. Então, é desse percurso que se cumpre o texto –em extraordinário “vôo”- que se completa no coração e na mente do leitor.

“Dez Encantos” incorpora a vertigem da cidade grande, tema, aliás, característico da literatura da Geração 90 e 00. Intertextual, remete a *Um Tal Lucas*, marcante livro de contos de Julio Cortazar, tendo como um dos enfoques a luta do personagem contra a sociedade de consumo. São Paulo representa neste conto de Amilcar a voragem e a vertigem de toda cidade grande, com a exuberância e exagero dos recursos midiáticos. É exemplar a frase que faz lembrar cenas de *Blade Runner* a representar os enormes posters luminosos dos grandes centros. São Paulo igual Sodoma:

Riqueza, poder e amor ilimitados, imenso Olimpo de deuses e semideuses contemporâneos. Zeus e Hera cada um de nós, todos nós. E Narciso e Onã, por que não? Ao fundo, talvez, quiçá brilhante, um poster de Sodoma em vista panorâmica. Com um pouco de sorte, em 3-D. ou, modernamente, uma vibrante holografia. (NEVES, 1991:73)

Forçoso é notar nesse painel de fragmentos e vibração, característicos dos recursos de novas tecnologias, uma certa dose combinada de ironia, melancolia e esperança face ao papel da literatura:

“Os modismos, sim. As mídias, de novo, atuantes e eficazes. E tua literatura, contudo, infeliz junção de letras e palavras vulgares, com tênues, porém obstinadas esperanças na posteridade”. (NEVES, 1991: 74)

E os encantos, onde? Ao fim e ao cabo o leitor descobre que o conto encerra (ou se abre!) para a sutileza de um som. “Dez Encantos”: desencantos.

“Galera” traz doze quadros, doze telas, doze cenas todas voltadas para o tema mais forte da nação brasileira: o futebol. Mini contos de uma única página cada formam um todo por onde desfilam personagens sob um toque sagaz de ironia a respeito da condição da gente brasileira, marcada, acima de tudo, pela “ilusão idiota de ver o time ganhar para poder esquecer um pouco essa miséria toda.” (Galera 1). Futebol é cachaça e adultério (Galera 6), mas futebol com política é censura na certa (Galera 4 e 5). O narrador assume ousada e ironicamente a pele negra, parda, mestiça do torcedor. Num contraponto entre o discurso

hipócrita, resquício histórico de nossa colonização, e a ação superior do negro enquanto grupo face a uma partida de futebol, Galera 10 e Galera 11 foram escritos para causar desconforto. O leitor cai na armadilha. “Camisa 12” corre por fora. É o reserva do time: entra para retomar a bola que explode no travessão do primeiro mini conto; pra dizer em grito de bom som que, em campo, os jogadores “precisam ser o sonho que a gente quer, fazer o que poucos conseguem.” Então vem o grito de guerra, como fosse o grande gol: “Por isso nós gritamos, pulamos, suamos e acreditamos finalmente viver. Só aí brigamos e nos impomos, protegidos pela massa que somos nós.”(NEVES,1991: 90)

A linguagem do narrador é fiel à da torcida: coloquialidades e baixarias, num jogo rápido, rolam com a intensidade e a presteza dos passes de bola e dribles entre os jogadores. Se o gol não se acerta no que diz respeito à dura realidade do brasileiro, o gol vem em cheio na fatura estética dessa obra de Amilcar Neves. Tem textos que viram flor. É o caso de *A Rosa do Povo* de Drummond, ou de “A Imitação da Rosa” em *Laços de Família* de Clarice Liséctor. Tem outros que viram gol. De placa.

## 5 BATALHAS PERDIDAS

Fecha o livro um texto-relato, um texto-depoimento. “A Luta Vã”, como todos os contos brotados nos anos oitenta para este volume, é datado de Setembro de 1982. Soma-se aos demais no que tange à expressão dos sentimentos de melancolia, frustração, desilusão, desesperança. Esse livro reflete como poucos a dureza e a ignomínia que representaram aos olhos do mundo os “anos de chumbo” da recente História do Brasil. Uma História da qual, como se fazia corriqueiro dizer até pouco antes do primeiro governo Lula, o povo era, ou pelo menos buscava ser o sujeito. Isso se acabou. Refletindo sobre a excrescência que toda ditadura representa, independente de qualquer que seja a época, Amilcar se põe ser narrante com o vigor e a delicadeza de quem sente o peso da condição humana.

Se Ester tem acesso ao mundo não mais além do que através de sua janela à margem de uma estrada; se a autonomia de um povo fica à mercê de negociatas definidas pelas “Olheiras profundas” cuja sabedoria se afina apenas para maracutaias políticas; se o fascínio arquitetônico dos fortes latino-americanos encerra em suas ruínas o grito dos subjugados; se o grito de sangue da galera não passa além dos limites de um campo onde rolam as esperanças sob os pés de onze guerreiros; enfim, se tudo isso forma as cores de uma bandeira

que se desfralda para muito além do céu que cobre a Ilha de Santa Catarina, pode-se crer na literatura brasileira como fonte para o entendimento de uma nação.

Os anos 80 estão transcritos nas páginas de *Relatos de Sonhos e Lutas* como o tempo da grande derrota da nação que havia, como nunca dantes, criado o maior movimento da vontade popular brasileira: o das *Diretas Já!* Pois, então, o arranjo dos embusteiros com suas “olheiras profundas” adiou o sonho de todos e tornou a luta vã. O verbo “guerrilhar” que transfigura o eu do narrador em o nós narrante, traduz acima de tudo a impossível convivência entre um “mundo moldado por homens mesquinhos e corruptos” que “nunca tiveram o ideal” e aqueles cujo “ideal é imorredouro por ser inatingível” e por isso mesmo é que lutam, brigam e guerrilham. Entretanto -e aí reside a ironia da frustrante impossibilidade de ajustes- viver guerrilheiro mato adentro é viver sob leis. O indivíduo se anula em função de um chefe-capitão cujas palavras desesperançadas abatem guerrilheiros e põem em cheque a eficácia da guerrilha. Palavras sem ironia, sem tergiversações, pensadas e transmitidas a serviço da causa.

O narrador guerrilheiro tem premonição de sua morte. Na selva, às 21:30h. Delírio e História se misturam: crer em liberdade é viável? Então, o fantástico penetra na História: surge o fantasma de Enriquillo, o grande cacique guerreiro do Caribe (República Dominicana) que, no século XVI, se sublevara contra a ocupação espanhola numa luta perdida que duraria treze anos.

A luta pode ser vã, porém o espírito de luta se acende constantemente. E a chama se faz através da literatura. Nem que seja só para lembrar que um dia a gente sonhou.

## REFERÊNCIAS

NEVES, Amilcar. *Relatos de sonhos e de lutas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.